

BOM MOMENTO. Editais e novos autores fomentam mercado literário em Alagoas; devido à Bial do Livro, Edufal deve fechar o ano com cem novos títulos, enquanto Imprensa Oficial contabiliza 11 lançamentos até agosto

acústica. B4

Domingo 02/08/2015



Bial Internacional do Livro de Alagoas: um dos motivos para o boom

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

“O povo sem literatura é um povo mudo”, já dizia Miguel Delibes, escritor e membro da Real Academia Espanhola.

Para o espanhol, então, só começamos a falar aproximadamente em 2000 a.C., com a Epopeia de Gilgamesh, um poema da Mesopotâmia, atual Iraque, cuja história gira em torno da relação entre o herói que dá nome ao título e seu companheiro, Enkidu, um selvagem criado pelos deuses. Juntos, os dois passam por diversas missões e, ao contrário do esperado, descontentam as divindades a quem deveriam agradar.

A obra é uma das primeiras conhecidas da literatura mundial, embora muitos estudiosos acabem depositando mais valor mesmo na tradição literária ocidental, iniciada no século VI a.C com os épicos *Iliada* e *Odisseia*, que narram os casos de Ulisses e da Guerra de Troia – ambos são atribuídos a Homero, agora aceito como personagem lendário e, na verdade, a junção de vários poetas.

De tão longe nessa linha do tempo até aqui, a literatura já percorreu longos caminhos. Somente no Brasil, passou pelo quinhentismo, pelo barroco, por arcadismo, romancismo, realismo, pelo pré-modernismo e pelo modernismo – e isso só para citar alguns dos nossos movimentos. Em meio a tantas histórias, os escritos literários nacionais tiveram lá seus altos e baixos – bem mais altos, é verdade, com momentos como o Modernismo de 30.

Alagoas também vem vivendo suas glórias e des-

graças, mas o fato é que o mercado editorial alagoano vai bem, obrigado! Se não tão bem quanto poderia, pelo menos muito melhor do que um dia já foi. A constatação é tanto dos autores – hoje num círculo renovado, com a grande quantidade de jovens que vêm conseguindo se inserir no meio – quanto das editoras, apesar de ainda se resumirem a um pequeno grupo no Estado.

Um exemplo dos bons ventos que chegam à literatura por aqui é o número de livros editados anualmente pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal). Voltada mais especificamente para a produção acadêmica, a entidade está sempre acima dos 100 lançamentos por ano, contra os longínquos 30, 50 que eram colocados nas prateleiras há apenas algum tempo.

Segundo a coordenadora editorial da Edufal, Fernanda Lins de Lima, um dos motivos do crescimento é a Bial Internacional do Livro, que em 2015 realiza sua 7ª edição. “De início, tínhamos, anualmente, de 30 a 50 publicações, e hoje estamos sempre passando de uma centena. Isso aconteceu principalmente a partir das bienais. Sempre apresentamos editais e a busca é grande”.

Para a feira do livro deste ano, que acontece de 20 a 29 de novembro, a expectativa é que 100 novos títulos sejam lançados pela editora – 60 deles foram contemplados em edital. As publicações, assinadas em sua maioria por alagoanos, englobam diversas áreas e 10% delas ainda serão voltadas para discussões pertinentes à cidade de Maceió, uma forma de comemoração pelos 200 anos da capital.

Fora da bial, porém, a entidade costuma trabalhar com um fluxo constante de obras, sempre debruçadas no que é produzido dentro da Ufal. Para ser publicado, o trabalho precisa se adequar a alguns critérios, como ser técnico-científico – romances e ficções só quando são frutos de prêmios – e passar pela avaliação de um parecerista, geralmente um doutor no campo abordado.

“Nossa política editorial hoje não comporta mais a avaliação de outros gêneros que não o científico. O interessado deve preparar o material de acordo com as normas e, depois da homologação na reunião do conselho, procuramos um especialista naquela temática, para que ele diga se o material é pertinente para a editora universitária. Após a aprovação, iniciamos os trâmites de publicação”, conta Fernanda.

A produção é vendida na própria Edufal, mas também em outros pontos de distribuição, como o Espaço Cultural da universidade, que fica na praça Sinimbu, em Maceió, e o campus da Ufal em Delmiro Gouveia, no Sertão. Os livros estão disponíveis, ainda, nos três shoppings da capital alagoana.

De acordo com a coordenadora, que avalia com bons olhos os rumos do mercado em Alagoas, a ideia é crescer ainda mais. “A intenção é crescer. Não está ruim, mas precisamos de alguns consertos. E temos que avaliar qual é o nosso público, quem lê aqui no Estado”, diz. “Mas o mercado está em ascensão”, completa ela, que também vê na Imprensa Oficial Graciliano Ramos um dos motivos para os bons resultados. ●

IMPRENSA OFICIAL AJUDA NO MERCADO

Na Imprensa Oficial Graciliano Ramos, uma empresa de economia mista com a participação do governo estadual, os números também mostram boas novas para o meio literário local. Somente nos primeiros meses de 2015, a editora já lançou 11 títulos e outros dez devem ser colocados no mercado até dezembro.

Além das chamadas públicas – ou editais –, a instituição trabalha ainda com as denominadas *obras individuais*. Segundo o diretor-presidente da

Companhia de Edição, Imprensa e Publicação de Alagoas (Cepal), Marcos Kummer, o objetivo é dar vazão à produção local e estimular a formação de novos autores.

“Publicamos livros por chamada em edital e também os independentes, sejam livros antigos de autores alagoanos, autores históricos, sejam contemporâneos, de autores novos que achamos que têm qualidade. Estamos satisfeitos com a produção e a comercialização. Temos uma aceitação muito boa dos nossos produtos”.

Ele avalia como pequena a participação de Alagoas no quadro nacional, mas acredita que ela vem aumentando, principalmente com a ajuda de editais. Este ano, a Imprensa Oficial terá quatro deles: o da coleção infantil *Coco de Roda*, que de-

ve ter cinco publicações; o do Programa de Incentivo à Cultura Literária, que pode ter um número variável de volumes; e mais dois voltados às produções teatral e científica.

Outro lançamento programado é *Ninho de Cobras*, de Lêdo Ivo, cujos direitos autorais foram cedidos pela família do escritor. “Temos alguns autores alagoanos consagrados, como Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Lêdo Ivo, mas que são autores que ainda não estão em domínio público. A obra de Graciliano, por exemplo, está com outra editora e eles não abrem mão. Mas no caso do *Ninho de Cobras*, excepcionalmente, conseguimos a autorização”, destaca.

No catálogo da Cepal, consta ainda a revista Graciliano, publicada trimestralmente com ideias e discussões acerca da cultura alagoana e também ensaios de intelectuais locais. A próxima edição, que deve sair em agosto, vai falar sobre o *Cangaço* – e, além dela, outras três ainda devem ser colocadas nas prateleiras até dezembro.

Na opinião do diretor-presidente do órgão, o panorama alagoano é positivo. “Como acontece no Brasil todo, vejo um crescimento aqui. Os dados mostram que o número de leitores vem crescendo no País, principalmente os jovens. Sentimos esse crescimento aqui, também com relação aos autores jovens”, expõe. **LB ●**

Leia mais na página B2